

# MODOS DE PRODUÇÃO DA LITERATURA NEGRA FEMININA: UM BREVE PANORAMA

Ilauanna Teles Silva (Mestranda em Crítica Cultural pela UNEB)

José Carlos Felix (Professor Adjunto na UNEB)

## RESUMO

O presente artigo propõe uma discussão a respeito da importância da Literatura Negra, aqui circunscrita principalmente à produção e autoria feminina. O objetivo é refletir por meio de um mapeamento de autoras negras contemporâneas assim como um breve panorama do mercado editorial, sobre o *modus operandi* e dimensão dos modos de produção da Literatura Negra. Pautada em uma pesquisa bibliográfica descritiva, o trabalho inicia com os conceitos da Literatura Negra, reforçando a importância da mesma, tendo por base as considerações de Miriam Alves (2010) e Zilá Bernd (2011). Em seguida, será abordada a presença da mulher negra como escritora e mediante as inter-relações sociais, por meio de Nilma Lino Gomes (2009). Por fim, destacam-se os modos de produções da Literatura Negra, tomando por base a Economia Solidária, discutida por Paul Singer (2002) e sob as considerações de Jailma Moreira (2012/2015). Além destes nomes, para dar continuidade à pesquisa ainda serão abordadas as discussões de Boaventura Santos (2005) e de Maurílio Dias (2016), dentre outros.

**Palavras-chave:** Literatura Negra; Modos de produção; Mulher negra; Economia Solidária.

## ABSTRACT

The present article purposes a discussion about the importance of Black Literature, mainly limited to female production and authorship. The intention is to reflect through a mapping of contemporary black authors as well as a brief overview of the publishing market on the *modus operandi* and dimension of the production modes of Black Literature. Based on a descriptive bibliographical research, this work begins with the concepts of Black Literature, reinforcing its importance, based on the considerations of Miriam Alves (2010) and Zilá Bernd (2011). Next, the presence of the black woman as a writer and through social interrelations will be approached through Nilma Lino Gomes (2009) concepts. Finally, the modes of production of the Black Literature are highlighted, built on the Solidarity Economy, discussed by Paul Singer (2002) and the reflection of Jailma Moreira (2012/2015). In addition to these names, to continue the research, it will be discussed Boaventura Santos (2005) and Maurílio Dias (2016), among other.

**Keywords:** Black Literature; Modes of production; Black woman; Solidarity economy.

## LITERATURA NEGRA E LITERATURA AFROBRASILEIRA: PERSPECTIVAS E ABORDAGENS

As discussões a respeito da Literatura Negra e Afrobrasileira têm crescido nos últimos anos, graças ao aumento de escritores, críticos e pesquisadores interessados nessa área, dessa forma, o objetivo desse artigo é, não apenas evidenciar a importância e relevância dessa literatura, mas mostrar e discutir como se dá a (s) produção (ões) desta.

Trataremos inicialmente de sua definição, afinal, o que é uma literatura negra, ou literatura afrobrasileira? Existem diversas definições para tal, não chegando a uma exatidão, no entanto, dois critérios específicos são discutidos, nos quais o primeiro se volta para o que *étnico*, ou seja, quando a produção literária relaciona-se com a origem de seu autor, enquanto negro ou mestiço, e o segundo critério é o *temático*, que relaciona o conteúdo de cunho afro-brasileiro. Entretanto, o emprego de critérios pautados exclusivamente em elementos étnicos podem ser mostrar falaciosos para uma definição de literatura negra, diante da possibilidade de autores negros optarem por uma escrita marcada por modelos europeus, o que descaracterizaria estas produções como estritamente negras. Além disso, se apenas o critério étnico for levado em consideração, estaremos excluindo as produções de autores não-negros que escrevem temas de interesse afro-brasileiro, algum que, em um sentido mais amplo, fere o princípio mais elementar da escrita ficcional no qual um escrito a legitimidade de um texto ou relato só encontra validação se seu autor(a) encontrar-se histórica e contingencialmente vinculado ao universo que escreve: homens, mulheres e crianças escrevendo somente sobre seu universo, etc. Esse argumento é por demais datado e por razões óbvias desmerece qualquer crédito. Este debate resulta no que Conceição Evaristo denomina *escrevivência*:

Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso.

Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência. (EVARISTO, 2011, p. 9)

É importante enfatizar que, Conceição Evaristo não desconsidera as demais produções, mas salienta que a escrita por meio da vivência do corpo e da experiência, tem bem mais a dizer do que a escrita não experienciada. No entanto, parte da crítica da argumenta que esses textos não têm o refinamento literário que uma obra literária deveria ter, e sob esse pressuposto, chamam a escrita de ressentida ou até mesmo “escritores do ressentimento”. Além disso, essa mesma convenção canônica, é quem relegou e relega o direito de escritores e escritoras negros a venderem suas obras, porém, o um mercado editorial escroto não investe suficientemente nessas obras.

Ainda nos cabe elucidar que a discussão não se limita apenas ao conceito constitutivo dessa literatura *per se*, mas também se volta a sua própria designação. Zilá Bernd (2011) relaciona a expressão *literatura afrobrasileira* ao resgate da cultura negra associada à cultura africana e suas memórias.

Por outro lado, Miriam Alves (2002) defende o uso de *literatura negra* por entender que tal expressão autoafirma os valores do povo negro mundialmente, mediante a uma sociedade racista e opressora e que as produções afrobrasileiras reproduzem-se em “todos os campos da atividade artística, mas nem sempre obtendo o reconhecimento devido” (p.41). Ademais, no que concerne ao campo literário a autora assinala como a divulgação deste limitou-se, se diante de contingências históricas que vão desde a própria produção material do livro até às questões autorais dele.

A Literatura Afrobrasileira está envolta em uma inconsistência conceitual, resumindo-a em “um ponto de vista culturalmente identificado com a afrodescendência [...] que ressignifica a palavra negro” (FIGUEIREDO *apud* ALVES 2010). Essa ressignificação se dá inicialmente, por uma das características da literatura negra, a já aqui apresentada *escrevivência*, que Figueiredo define como a voz encarcerada do falar não dito. Uma particularidade desse campo literário é a denúncia de violências no âmbito das relações sociais, que por vezes se limitam a literatura negra.

Na minha experiência de produtora de literatura e militante negra, percebo que esses temas recorrentes levantados se aplicam basicamente às obras dos autores afrodescendentes de forma geral, sem querer generalizar ou encarcerar em categorias que podem impedir a apreciação de outras possibilidades, atentando para épocas distintas, para as especificidades de estilo e experiências cognitivas (ALVES, 2010, p.43).

Logo, entendemos a produção da literatura negra funciona como um dinamizador entre uma história real ao ficcional e poético, e assim, constrói-se uma identidade que perpetue às próximas gerações. Apesar de discussões a respeito da literatura negra está crescendo nos últimos anos, sua produção vem desde os séculos passados, propagando-se até a atualidade. Miram Alves nos apresenta um catálogo chamado de *Dossiê da Literatura Afrobrasileira*, contendo quase 300 nomes de escritores afro-brasileiros, que é descrito pela própria pesquisadora como um “trabalho de fôlego de catalogação de escritores afrobrasileiros desde os séculos passados até a contemporaneidade prova e deixa pública uma realidade escamoteada nos cânones da Literatura Brasileira” (ALVES, 2010. p.44), sendo essa realidade, a própria literatura negra.

Dentre os nomes catalogados nesse dossiê, Alves destaca Lima Barreto, a quem deveria ser dado maior reconhecimento, e enfatiza que existe uma cobrança para que os nomes de Machado de Assis e Cruz e Souza adentrem ao dossiê, a despeito das críticas a esses autores, uma vez que Machado de Assis não escrevia sobre a realidade negra, sendo considerado omissor por alguns críticos, enquanto os escritos de Cruz e Souza apresentam uma espécie de ressentimento por este não ser branco. De qualquer forma, as contribuições que estes autores fizeram na Literatura Negra parecem estar acima de qualquer gesto de crítica, pois Machado de Assis com o conto “Pai contra Mãe” (1906) e Cruz e Souza, por meio da representação negra com simbolismo, findam por contradizer qualquer tentativa de ressalva da crítica. Por outro lado, existe uma crítica para os autores que escreviam/escrevem apenas de assuntos negros, sendo acusados de militantes e por não escrever sobre assuntos de “interesse geral”.

A partir da década de 1970, após anos de mobilização, começa a eclodir diversos grupos de manifestações de frente negra, arrolados em uma pletora de encontros e discussões em torno da escrita de livros, poesia e grupos de periferia, e mais a frente, surge o

jornal da imprensa negra, ao mesmo tempo em que surgem os primeiros negros universitários. Em meados de 1978, a primeira série dos *Cadernos Negros* (serão discutidos mais detidamente na próxima seção) é lançada em São Paulo, estabelecendo uma tradição de nichos próprios de meios de comunicação. Isso nos faz pensar no que afirma Nilma Lino Gomes (2009) a respeito da presença de negros e negras na pesquisa científica, deixando de ser meros objetos de estudo, todavia, estes passam a ser atuantes enquanto indivíduos capazes de produzir o próprio conhecimento meritório de ser incluído na história de luta e também da superação do racismo (p. 419). Pautados em um trabalho intelectual, estes pensadores negros objetivam a visibilidade de uma minoria, anteriormente, omitida. Eles passaram a questionar a produção acadêmica sobre negros, produzidas pelo 'outro', conforme destaca Gomes.

Desse modo, tais contingências históricas resultam no aumento de escritores negros, aos quais obtiveram apoio um inicial da CECAN (Centro de Arte e Cultura Negra). Na década de 1980, surgiram os primeiros críticos especializados em um tipo de literatura produzida por escritores negros, o que os permitiu autodeclararem-se produtores da Literatura Negra. No entanto, é válido lembrar que a produção desse gênero, apesar de autodeclarado por seus autores apenas em 1980, vem bem antes desse período, o que reforça a dessa luta destes autores pela busca de representatividade no cenário literário brasileiro. Apesar do esforço dos intelectuais da época na luta contra a marginalização e exclusão dos negros, há pouco ou quase nenhum espaço representativo para as mulheres escritoras negras. E isso se configura como outro front de batalha dentro de um movimento marcado por contradições internas.

## ESCRITORAS NEGRAS NO BRASIL

A década de 1980 testemunhou o surgimento diversos escritores negros na cena literária brasileira (é isso?), mas não podemos nos esquecer das escritoras negras, que, apesar de enfrentar em um desafio ainda maior por serem mulheres, não se calaram mesmo

perante a uma sociedade patriarcal. Não se pode falar de uma produção literária afro-brasileira feminina sem remetermos ao processo de colonização, como afirma Miriam Alves:

Ao pensar a participação das mulheres negras na literatura afrobrasileira, é necessário refletir sobre o passado colonial, as condições de super exploração e violência vivenciada por mais de três séculos e que perduram na contemporaneidade através da desigualdade de oportunidades e a discriminação racial velada ou ostensiva, revelando a forte dimensão racial que permeia a sociedade brasileira em todos os níveis” (ALVES, 2010, p.60).

As mulheres passaram a ser representadas por categorias sociais que desenvolveram uma imposição de padrões para elas (cor, aparência física, gênero), e as que não se adaptavam a isso, eram exclusas da sociedade, especialmente as negras e lésbicas, e as brancas pobres, que eram representadas com inferioridades, julgadas como incultas, sujas, e depravadas. Enquanto as sinhazinhas brancas eram obrigadas a preservar a sua pureza (virgindade), as mulheres negras deveriam suprir os abusos sexuais de seus senhores escravocratas.

Spivak destaca que a maior herança, deixada pelo processo colonial, foi a subalternidade feminina. Para a autora, a subalternidade compreender-se como a negação de fala que um sujeito se depara, assim como a subordinação e inferiorização em relação ao outro. A autora ainda acrescenta, “a questão da ‘mulher’ parece ser mais problemática [...] Evidentemente, se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras.” (2010, p. 85), portanto, a mulher se encontra em um local mais subalterno, ao qual a sua formação de identidade, se resume enquanto objeto silenciado.

Por décadas, a visão do ser feminino se restringiu ao sensível e frágil tanto fisicamente, quanto intelectualmente, cuja qualidade se dava por ser alguém com dons específicos aos cuidados do “lar”. A imagem feminina limitou-se a sua anatomia, em que a própria criação é resquício do feito primeiro, o homem”. (TELES SILVA, 2017)

Diversos adjetivos foram empregados ao ser feminino: meiga, doce, prendada. Desses adjetivos, muitos são utilizados como ofensa, se dirigidos a um homem (ser mulherzinha, ser meigo, é visto como algo negativo). Essa ideia da mulher como feita “após” o homem,

deu margem a concepção que ela deve ser “grata” a esse homem, satisfazendo seus desejos sexuais e lhe sendo submissa.

A pós-colonização reforça a presença machista, na qual a mulher é duplamente colonizada. Bonnici (2003) nos apresenta uma expressão de *tripla* colonização, se a mulher for negra e de condição social baixa, a objetificação da mulher e o gênero feminino minimizado. Apesar de ter o reconhecimento negligenciado, a mulher negra não se silenciou e também produziu suas escritas. Assim sendo, no Brasil, a crítica da Literatura Negra realçou escritoras como Maria Firmina dos Reis e seu romance *Úrsula* (1859). Também temos Auta de Souza e o livro *Horta* (1901), e Carolina Maria de Jesus em sua obra mais conhecida, *Quarto de despejo* (1960), *Pedaços de fome* (1963), dentre outras obras.

Atualmente, tem-se notado uma ascensão significativa de escritoras negras, entre elas, merece destaque a já mencionada Conceição Evaristo. A escritora, nascida em 29 de dezembro de 1946, filha de uma lavadeira que fazia anotações em um diário sobre as dificuldades do dia-a-dia, concluiu o curso Normal aos 25 anos em 1971, mesmo ano que se mudou para o Rio de Janeiro, passou em um concurso público e começou estudar Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro, conforme consta em sua biografia no site da Fundação Cultural Palmares<sup>1</sup>. Seu primeiro poema foi publicado em 1990, na décima terceira edição dos Cadernos Negros. A autora, já é conhecida mundialmente, possui obras traduzidas para o francês (*L'histoire de Poncia* - 2015) e espanhol (*Banzo, mémoires de la favela* - 2016). Apesar de obter reconhecimento hoje em dia, sua juventude foi marcada por dificuldades financeiras, o que potencializou sua escrita sobre as questões raciais, sociais e de gênero. Seu acervo é preenchido de romances (*Poncia Vivência* – 2003; *Becos da memória* – 2006), poemas (*Poemas da recordação e outros movimentos* -2008), *Contos (Insubmissas lágrimas de mulheres*– 2011; *Olhos d`água* – 2014; *Histórias de leves enganos e parencças* - 2016), além de várias participações em antologias.

Outra escritora que não pode deixar de ser mencionada é Miriam Alves, cuja trajetória está descrita pela própria em seu blog [*ver tabela 1*]. Nasceu em 1952, natural de

---

<sup>1</sup> A Fundação Cultural Palmares é a primeira instituição pública voltada para promoção e preservação da arte e da cultura afro-brasileira. [www.palmares.gov.br](http://www.palmares.gov.br)

São Paulo, a autora possui vários livros publicados, como *Momentos de Busca* - 1983; *Estrelas nos Dedos* - 1985; *Terramara* - 1988 (em co-autoria com Arnaldo Xavier, e Cuti (Luiz Silva); *Brasilafro autorrevelado* - 2010; *Mulher Mat(r)iz* - 2011. Estas publicações variam entre contos, poesias, ensaios e peças teatrais. Vários de seus poemas estão publicados nos *Cadernos Negros*. Assim como os de Conceição Evaristo, Alves possui obras traduzidas para outros idiomas, e é mundialmente conhecida pelos trabalhos voltados a Literatura Afrobrasileira. Participa de debates e palestras em universidades com temas vinculados às questões da afro descendência no campo literário com ênfase especial a afro literatura feminina, como afirma a própria.

Nívea Nathália, natural de Salvador, Bahia, nasceu em 1979 e em 2002 tornou-se Mestre e Doutora em Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura pela Universidade Federal da Bahia. Duas obras publicadas são: *Água Negra* (2011), *Correntezas e outros estudos marinhos* (2015), *Água Negra e Outras Águas* (2016), *Dia Bonito pra Chover* (2017) e *Sobejos do Mar* (2017). Sua frase mais aclamada é “eu digo como quero ser representada”, (Flica - G1, 17 de outubro de 2015). Além dela, temos a mineira Cidinha Silva é formada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais e desde criança já apresentava interesse na escrita. O maior tema de sua escrita é o racismo, que protagonizou livros como *Os Nove Pentes D’África* (2009), *Kuami* (2011), *O Mar de Manu* (2011). Uma grande característica da autora é o seu posicionamento crítico e a diversidade de gêneros de escrita, entre eles, romances, literatura infanto-juvenil e crônica.

Há muito em comum entre essas escritoras, principalmente o fato de serem mulheres negras e escritoras. Mas é importante salientar que nem todas as escritoras negras fazem parte do cânone ou são mundialmente conhecidas, como as acima citadas. Na verdade, muitas delas preferem não fazer parte desse cânone, mas rasura-lo, uma vez que a existência de um grupo de “melhores escritores” é visto como excludente, e transformam aqueles que estão fora do cânone, em marginalizados.

Desse pressuposto, reiteramos que a maior dificuldade das escritoras regionais é em reconhecer-se como tal. Esmeralda Ribeiro, em uma entrevista concedida a Jailma

Moreira<sup>2</sup>, afirma: “a dificuldade também é nossa, de nos vermos como escritoras”. Sobre isso, a entrevistadora reitera,

A primeira dificuldade que talvez devêssemos ressaltar é de autopercepção de poder ser outra, poder ser escritora [...] Em Alagoinhas, as escritoras locais e regionais, em sua maioria, afirmaram não se perceber como tais, ou reforçavam a dúvida: “Não sei se sou escritora, só sei que escrevo” (MOREIRA, 2012).

Acredita-se que essa dificuldade em auto reconhecimento seja fruto da sociedade patriarcal, em que mulheres não são (ou não deveriam ser) escritoras. A restrição de divulgação de obras escritas por mulheres negras, também podem contribuir para tal. Por isso, muitas escritoras criaram a sua própria maneira não apenas de escrita, mas de como propagá-la.

“Esta imagem de mulher inferiorizada, muitas vezes pré-determina e condiciona a posição a ser ocupada pelas afrodescendentes, não só nas relações sociais, mas inclusive no mundo das representações artísticas em geral, e particularmente na literatura”. (ALVES, 2010, p. 63)

Escrever, para as mulheres negras, é um ato de poder, de militância, de ultrapassar as cadeias impostas pelo patriarcalismo, além de ser um amaneira de divulgar e compartilhar experiências propagar a resistência ao racismo. Com esse entendimento, as escritoras não apenas escreviam, mas a refletiam sobre como propagar aquilo que estava sendo escrito, afinal, o objetivo de suas obras era a denúncia e, principalmente, incentivar o não silenciamento perante o racismo e outras violências.

## PROPAGAÇÃO DA LITERATURA NEGRA

Ciente que a maioria das escritoras negras regionais advém de realidades sociais nas quais não é possível uma produção e divulgação de suas obras por meio de grandes editoras, estas mesmas escritoras criaram seu próprio meio de propagação, também conhecido

---

<sup>2</sup> Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu – Mestrado em Crítica Cultural – da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)-Campus II

*Economia Solidária*, como nomeia Paul Singer (2002). Para ele “Se toda economia fosse solidária, a sociedade seria muito menos desigual” (p.10). Contrário à lógica do capitalismo, a economia solidária desponta como um caminho de produção alternativo em que produção coletiva e lucros igualitários, além disso, buscam o engendramento de uma sociedade igualitária e menos competitiva. Nesse sentido, cabe entender que, ainda segundo Singer, “a desigualdade não é natural e a competição generalizada tampouco é” (p.10), a partir daí surge uma nova expressão chamada de *Modos de produção*, que é o como essas produções são feitas.

Na atualidade, um dos Modos de produção mais comuns para a divulgação de obras e críticas literárias, é o blog, dentre outras redes sociais. Com um baixo custo benefício e de fácil manuseio, as escritoras blogueiras vêm trabalhando colaborativamente, dividem o tempo e o trabalho de editoração, revisão e publicação. Além disso, é uma maneira de alcançar um grande público, em uma época que quase todas as pessoas têm acesso a aparelhos conectados à rede mundial de computadores. Miriam Alves, cujo blog [ver tabela 1] já foi mencionado, além de apresentar a sua trajetória no blog, apresenta seus livros, informando onde comprá-los. Ela também inclui trechos dos livros e fotos dos eventos de lançamento deles. Bem como Cidinha Silva, que utiliza desse artifício para divulgação de suas obras e propagação de seu senso crítico. Em seu blog [ver tabela 1], encontramos atualizações de eventos em que autora participa, assim como textos e comentários a respeito de outros escritores. A própria Cidinha é quem redige suas publicações. Em seguida, pode ser observada uma tabela listando as autoras que utilizam de blogs e sites como estratégias de propagação da Literatura Negra.

Tabela 1

<b>Blogs</b>	<b>Modereador(a)</b>
<a href="http://cidinhadasilva.blogspot.com.br/">http://cidinhadasilva.blogspot.com.br/</a>	Cidinha Silva
<a href="http://alvesescritorapoeta.blogspot.com.br">http://alvesescritorapoeta.blogspot.com.br</a>	Miriam Alves
<a href="https://negrasoulblog.wordpress.com/">https://negrasoulblog.wordpress.com/</a>	Priscila Harriet Souza
<b>Sites</b>	<b>Modereador(a)</b>
<a href="http://blogueirasnegras.org/">http://blogueirasnegras.org/</a>	Charô Nunes e Larissa Santiago

<a href="http://escritorasnegras.com.br/">http://escritorasnegras.com.br/</a>	Calila Das Mercês e grupo colaborativo de escritoras
<a href="http://portalsoteropreta.com.br/">http://portalsoteropreta.com.br/</a>	Luciane Reis, Ícaro Jorge, Davi Nunes, Hisan Ferreira, Susana Santos Batista.

Dada a inexpressiva visibilidade de obras escritoras femininas afrobrasileiras (e ainda é, se comparado ao que deveria), até mesmo o trabalho de editoração passou a ser um modo de produção viável, que é o caso da Editora Mulheres.

Traços da trajetória da Editora Mulheres são revelados, tornando visível o lugar de sua produção, suas demandas, táticas e conquistas apontando para a importância do trabalho que desenvolve na rasura de uma tradição literária/cultural e mercadológica, marcada por um capital patriarcal, que desconsiderou e, em certa medida ainda desconsidera, a produção e edição de autoria feminina. (MOREIRA, 2012, p. 2)

Em 2012, Jailma Moreira entrevistou Zahidé Muzart, uma das criadoras da Editora Mulheres, esta justifica que o motivo de criação da editora foi a dificuldade de encontrar obras de escritoras do século XIX, e assim, surgiu a necessidade de uma “editora que tivesse como principal preocupação a reedição desses velhos textos”, como afirma a Muzart. Ela ainda acrescenta que a maior dificuldade em manter a editora foi proveniente do próprio nome da editora.

No início, a maior dificuldade era a falta de respeito com o nome Mulheres. Era necessário repetir o nome, ao telefone, e havia sempre uma espécie de riso escondido que adivinhávamos!! Com os anos, com o feminismo crescente, isso já não mais ocorre. (MUZART *apud* MOREIRA 2012).

Pela falta de credibilidade conferida às escritoras negras por algumas editoras, a maior dificuldade que estas enfrentaram era conseguir publicar suas obras, dessa forma, tornou-se necessário a criação de editoras que as publicassem. Além da Editora Mulheres, temos a Editora Ogum’s, criada em 2014, se deu pela falta de nomes de talentos negros. Como diz na descrição do site da editora [*ver tabela 2*], “A Ogum’s nasceu para seguir e dar caminhos para uma vertente literária que a todo tempo é demandada uma explicação para a sua existência”.

Atualmente temos, além das citadas, mais três editoras [ver tabela 2] voltadas, especialmente, para publicações de escritores negros. Dentre elas, merece destaque a editora Pallas, uma das mais antigas. Desde 1975,

[...] a Pallas Editora dedica grande parte de seu catálogo aos temas afrodescendentes. Interessada na compreensão e na valorização de nossas raízes culturais e ciente do ainda precário registro dos saberes africanos na diáspora e de sua importância como uma das matrizes fundadoras de nossa nacionalidade, nossa casa editorial busca recuperar e registrar tradições religiosas, linguísticas e filosóficas dos vários povos africanos continuamente trazidos para o Brasil durante o regime escravista” (EDITORA PALLAS)<sup>3</sup>

Outra editora de grande influência, atualmente, é a Quilombhoje, responsável pela publicação anual dos *Cadernos Negros*, fundada no ano de 1980, por Cuti, Oswaldo de Camargo, Paulo Colina, Abelardo Rodrigues e outros, conforme vemos na tabela a seguir.

Tabela 2

Editoras	Ano de fundação
<a href="https://www.editoramale.com/">https://www.editoramale.com/</a>	Não há informação
<a href="http://www.editoraogums.com/">http://www.editoraogums.com/</a>	2004
<a href="http://www.pallaseditora.com.br/">http://www.pallaseditora.com.br/</a>	1975
<a href="http://www.quilombhoje.com.br/">http://www.quilombhoje.com.br/</a>	1980

Ademais, temos a Nandyala, que além de editora também é uma livraria [ver tabela 3]. Essa editora não trabalha apenas com temas relações étnico-raciais, como a maiorias das editoras anteriormente citadas, mas engloba conteúdos de educação e diversidade cultural, relações de gênero/orientação sexual, direitos humanos, sustentabilidade e inovação.

Levando em conta a necessidade de divulgação, publicação e venda de obras da Literatura Negra, atualmente temos um acervo significativo de sites e livrarias voltados a essa temática, como é mostrado na tabela seguinte.

<sup>3</sup> Afirmação contida no site da editora, na aba “Sobre a Editora”.

Tabela 3

Livrarias	Endereço Eletrônico
Africanidades	<a href="http://www.livrariaafricanidades.com.br/">http://www.livrariaafricanidades.com.br/</a>
Bantu	<a href="http://editorabantu.com/">http://editorabantu.com/</a>
Kitabu	<a href="https://kitabulivraria.wordpress.com/">https://kitabulivraria.wordpress.com/</a>
Nandyala (editora e Livraria)	<a href="http://nandyalalivros.com.br/">http://nandyalalivros.com.br/</a>

Contudo, antes da criação de editoras e livrarias, outras formas foram utilizadas para a propagação da Literatura Negra, por exemplo, a criação de movimentos e manifestações que propunham rodas de conversa. Estes grupos ainda perduram, como o Movimento Negros do Brasil, sob a direção do poeta Carlos Assumpção, cujos textos literários eram reproduzidos através da distribuição de fotocópias. Para Boaventura Santos e Cesar Rodrigues (2005) isso é “a busca de alternativa perante os efeitos excludentes do capitalismo” (p.32) e acrescentam “a partir de teorias e experiências baseadas na associação econômica entre iguais e na propriedade solidária, não é uma tarefa nova” (p.33).

Não podemos nos esquecer de outra forma, nada recente, da cooperação de escritores, que foi o *Cadernos Negros*. Em 1978, oito poetas se juntaram, dividiram os custos e publicaram com 52 páginas na primeira edição, do que viria a ser uma das maiores fontes de estudos diversos de pesquisadores da área de Letras. A partir de então, todo ano há uma nova edição, que objetiva, através de antologias, ensaios, poemas e artigos, a visibilidade da literatura negra.

Pode-se concluir que a literatura assumiu um papel de denúncia da condição do ser negro, principalmente quando voltado ao ser negro feminino, e permitiu que as próprias mulheres contassem as suas histórias, desconstruindo a ideia de uma história monolítica e possibilitando fuga da subalternidade e a desmistificação de que homens e mulheres são somente seres opostos, mas seres que devem interligar-se, de forma igual. A produção dessa literatura ficou mais significativa a partir do momento em que a sua propagação se dá por meio da Economia Solidária, cujas escritoras partilham o trabalho de editoração e financeiro, buscando conhecimentos que visam a reflexão a respeito do racismo, que perdura em instâncias sociais diversas.

A mulher negra, aos poucos tem conseguido libertar-se dos padrões lhe impostos pelo simples fato de ser mulher, e negra, tem batido de frente com os estereótipos a fim de desnuda-los e perpetuar os costumes e tradição da cultura negra. Por meio do que fez Zahidé Muzart ao criar seu próprio modo de produção, a Editora Mulher, e outras autoras negras, mediante aos seus grupos e outras diversas maneiras de propagação de sua literatura, tem-se comprovado a determinação de toda mulher negra, ao não se calar diante das imposições, mas combate-las com o esclarecimento e busca pela igualdade de gênero e raça.

Pouco importa a denominação que lhe é dada. Seja Literatura Negra, seja Literatura Afrobrasileira, esta possui um papel deveras significativo na nossa sociedade, permitindo a disseminação de uma cultura valiosa para a formação identitária dos indivíduos.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma única história**. Tradução de Erika Rodrigues. Vídeo da palestra no evento *Tecnology, Entertainment and Design* (TED Global 2009). Disponível em:

[http://www.ted.com/talks/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story?language=pt-br](http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br). Acesso em: 25 de dezembro de 2017.

ALVES, Miriam. **Cadernos Negros (número 1): estado de alerta no fogo cruzado**. In: FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna; FONSECA, Maria Nazareth Soares (org). *Poéticas afro-brasileiras*. Belo Horizonte: Mazza PUC Minas, 2002.

\_\_\_\_\_. **BrasilAfro autorrevelado: Literatura Brasileira Contemporânea** (Coleção repensando África volume 7). Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

BERND, Zilé. **Antologia de poesia afro-brasileira: 150 anos de consciência negra no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

BOAVENTURA Santos, CEZAR, Rodrigues. Introdução: para ampliar o cânone da produção. In BOAVENTURA de Sousa Santos (Org.). **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós-colonialistas. In **Teoria Literária; abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Org. Thomas Bonnici e Lúcia O. Zolin. Maringá: EDUEM, 2003.

DIAS, Maurílio. **O nascimento do editor popular**. In *Tipografias do cordel: o nascimento do editor*. Paulo Afonso, BA: Editora Fonte Viva, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulher**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

FREIRE, Patrícia. **Cidinha da Silva: protagonista da literatura brasileira**. Disponível em: <http://www.afreaka.com.br/notas/cidinha-da-silva-protagonista-da-literatura-brasileira/>. Acesso em 08 de janeiro de 2018 às 12:06.

GOMES, Nilma Lino. **Intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira**. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009. 419-441.

MOREIRA, Jailma. **Reescrita de si: produções de escritoras subalternizadas em contexto de políticas culturais**. 13ª edição. 2015, ISSN 1984-7556. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0BwB-fN4V3pKvNmFoNi1heFJWNlU/view>. Acesso em: 07 de janeiro de 2018 às 18:16.

\_\_\_\_\_. **A produção de autoria feminina através da editora mulheres: entrevista com Zahidé Muzart**. Vol. 2, n. 1, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://www.poscritica.uneb.br/revistaponti/arquivos/volume2-n1/vol2n1-315-320.pdf>. Acesso em: 25 de dezembro de 2017 às 12:00.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. 1ª ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?/ tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.**

TELES SILVA, Ilauanna. **A dualidade do masculino e feminino em *O mundo se despedaça***. V. 1, 2017, ISSN 2238-9008. Disponível em: [http://www.editorarealize.com.br/revistas/enlacando/trabalhos/TRABALHO\\_EV072\\_MD1\\_SA16\\_ID1175\\_16072017133133.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/enlacando/trabalhos/TRABALHO_EV072_MD1_SA16_ID1175_16072017133133.pdf).